



JJJ

REPRESENTAÇÃO E LINGUAGEM LITERÁRIA: A AUSÊNCIA DO OUTRO NO REFLEXO DO ESPELHO

Sara Rogéria Santos Barbosa¹

GT7 - Educação, Linguagens e Artes

RESUMO

Pensar a educação precisa ser, sobretudo, propiciar o acesso de todas e todos. Nesse sentido, a linguagem aparece como o canal de acesso ao conhecimento capaz de mudar sua realidade das pessoas. A escolha por este objeto nasce da necessidade de compreender a falta de representatividade étnica negra positiva nas artes renascentistas, posto que naquele momento já imperava o pensamento crítico separado do escolástico, dominante durante toda a idade média. O texto, forjado a partir da pesquisa bibliográfica acompanhada da análise de conteúdo, levou em consideração os pressupostos teóricos pautados na literatura comparada, na filosofia e na cultura, tendo como principais autores Butler (2015), Costa Lima (2000), Foucault (2007). Os estudos sobre representação trazidos por Foucault dão a tônica deste estudo uma vez que ele trabalha com as similitudes, perspectiva primordial para analisar como o outro é representado.

Palavras-chave: Educação. Linguagens. Representação Étnica Negra.

RESUMEN

Pensar en la educación debe ser, ante todo, facilitar el acceso a todos. En este sentido, un lenguaje aparece como un canal de acceso al conocimiento capaz de cambiar la realidad de las personas. La elección por este objeto nació de la necesidad de comprender la falta de representación étnica negra positiva en las artes del Renacimiento, dado que en ese momento prevalecía el pensamiento separado del escolástico, dominante a lo largo de la Edad Media. El texto, forjado a partir de una investigación bibliográfica acompañada de análisis de contenido, tuvo en cuenta los supuestos teóricos basados en la literatura comparada, la filosofía y la cultura, teniendo como autores principales a Butler (2015), Costa Lima (2000), Foucault (2007). Los estudios sobre representación aportados por Foucault marcan la pauta de este estudio ya que trabaja con similitudes, una perspectiva primordial para analizar cómo se representa al otro.

Palabras clave: Educación. Idiomas. Representación étnica negra.

¹ Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe (2005) e mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2012). Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França (2007), do Membro do NECUFS- Núcleo de Estudos de Cultura da UFS, vinculado ao CLEPUL/Lisboa-PT - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias; membra do EtniCidades/UFBA. Graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER), Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia/UFBA, tendo como orientadora a professora doutora Florentina Souza, autana educação básica – ensinos fundamental e médio – e na educação superior como professora de linguagens na Faculdade São Luís de França. ORCID - 0000-0001-7039-9529. e-mail: sararogeria@gmail.com.br

INTRODUÇÃO

“Tornai vermelho todo sangue azul, já que vermelho tem sido todo sangue derramado, todo corpo, todo irmão chicoteado, iô [...] fazei com que o chicote seja por fim pendurado. Revogai da intolerância a lei, devolvi o chão a quem no chão foi criado” (GIL, Gilberto, 1985)

Pensar a representação é considerar as várias nuances que o ato de ler o outro é capaz de forjar. É reconhecer, primeiramente, a possibilidade de sua existência, ainda que determinada por um prisma limitado ou socialmente construído. Assim, a representação literária configura-se como um local de resistência, de rebeldia, e um estar no mundo que ultrapassa, inclusive, as “não” representações. Isso se dá pela identificação dos sujeitos ausentes no texto, ou seja, o não aparecer também é representar. E como as linguagens, sejam elas literárias ou não, enquanto código capaz de garantir o ato comunicativo, estão relacionadas a isso?

Tão certo como as linguagens são partícipes na construção identitária de um povo, a ausência de uma arte que apresente a pessoa negra distanciada da condição de miserabilidade, marginalidade e ignorância contribui para a falta de identificação desse leitor em busca de conhecimento das identidades étnicas presentes nos textos lidos durante o processo educacional. É na presença das representações que, segundo afirma Martin-Barbero, dá-se o “o assinalamento do sentido que elas adquirem: são as massas tornando-se socialmente visíveis, configurando sua fome de ascensão a uma visibilidade que lhes confira um espaço social”. (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 279)

Se por um lado temo Barbero pensando a importância da representação no contexto literário, por outro, Foucault (2007), quanto à mesma questão, leva em consideração três momentos bem significativos na história e, porque não dizer, nas artes: o Renascimento, a Idade Clássica e a Modernidade. Isso se deve ao fato de haver mudanças significativas na forma como o ser humano concebia a relação entre o que se via e como dizer isso. Assim, forjou-se a ideia das similitudes, empiricidades e representação, respectivamente. Para analisar a presença do outro no reflexo do espelho, convém, a partir das considerações de Foucault, cujo texto **As palavras e as coisas** (2007) torna-se nascedouro deste artigo, versar acerca do Renascimento, posto que tenha nos dado os pressupostos do *aemulatio* e *sympathia*, e da Modernidade, que nos traz a representação como o “saber”, um discurso socialmente

JJJ
construído da realidade.

A análise estabelecida pelo autor acima citado para o período renascentista aponta a presença de quatro formas para compreender as relações de semelhança que constituem as similitudes: *convenientia*, *aemulatio*, analogia e *sympathia*. Apesar de todas serem relevantes para um estudo sobre a representação durante a renascença, este trabalho, como dito, atear-se-á apenas ao *aemulatio*, posto que trata de uma semelhança entre elementos distantes, e à *sympathia*, já que versa acerca das singularidades, que aproximam, e da antipatia, que afasta.

Durante o período renascentista, considerando-se as relações de similitudes, o outro poderia ser concebido a partir das emulações, das trocas e imitações possíveis e isso não carecia de aproximação real. Era o tal reflexo no espelho que garantia a identificação de um sujeito com o outro, ou mesmo a simulação de um estado de coisas. Assim, o reflexo era, o máximo possível, semelhante ao refletido, uma vez que, para Foucault (2009, p. 26), “as coisas dispersas através do mundo se correspondem”. Cabe uma reflexão sobre esse outro: as artes renascentistas privilegiaram a correspondência entre coisas distantes desde que fossem discursivamente aproximadas. Há, então, espaço para indagar sobre a representação do não europeu, mais especificamente o africano, nas artes quinhentistas.

Tal concepção pauta-se no fato de a arte representar o africano – cujo continente passa, nesse período, por um processo de colonização e estranhamento – e suas relações sociais, culturais ou religiosas, por exemplo, totalmente destoantes do europeu. Enquanto este aparece no esplendor da beleza tão cara ao período, aquele é imbuído de uma animalidade que beira o demoníaco, como mostra a figura abaixado datada de 1460, ou foi simplesmente apagado, apesar de estar nos porões dos navios, nas cozinhas e nas plantações. Se o *aemulatio* corresponde a uma simulação, é válido aproximá-lo da análise feita por Costa Lima (2000, p. 43) ao afirmar que a “*mimesis* artística não depende simplesmente da matéria com que trabalha, as imagens, mas das configurações que alcançará”.

Naquele momento, a primeira colonização do continente africano havia começado e, com ela, o processo de cristianização. Fazia parte do contexto, portanto, apresentar o sujeito como alguém necessitado de libertação, um “sujeito metafórico”, para falar como Lezama Lima, “reduzido ao limite do seu existir precário” (LIMA, 1988, p. 54). Aqueles sujeitos não europeus habilitavam corpos sem valor, sem afetividade, insignificantes. Pensando essa condição do africano e a representação durante o renascimento, a afirmativa de Butler (2015, p. 17) faz todo sentido, uma vez que “há sujeitos que não são exatamente reconhecíveis como

JJJ
sujeitos e há vidas que dificilmente – ou melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas”.



(Illuminura medieval do livro "*L'histoire naturelle*", datada do século XV)
Fonte: <http://historiante.blogspot.com.br/2013/12/afica-visoes-e-reacoes.html>

A partir disso, faz-se necessário analisar que a pessoa negra, e todas as nuances que o cercam, não apresenta discursivamente papel relevante nas representações artísticas daquele momento, alinhado ao renascimento de considerável efervescência literária, aparecendo majoritariamente na rebarba das ações, mudo, dócil, animalizado. Houve alijamento dessa presença e cumpre, agora, lançar os olhos sobre textos que nos façam, de fato, enxergar essa presença étnica e suas identidades positivamente. Segundo Silva (2014, p. 19), “todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído”.

DaMatta (1986) é enfático ao tencionar essa questão. Se estamos diante de uma tela do século XV e ela ainda dialoga com a prática do nosso cotidiano, urge compreender que, segundo o referido autor (1986, p. 32), “numa sociedade onde não há igualdade entre as pessoas, o preconceito velado é forma mais eficiente de discriminar pessoas de cor, desde que elas fiquem no seu lugar e saibam qual é ele”. A posição do autor pode ser percebida no percurso da historiografia literária brasileira, levando-se em consideração algumas obras de leitura escolar, a exemplo do livro didático que acomoda a tela acima, uma vez que é possível



JJJ

constatar majoritariamente a presença do negro como elemento muito mais figurativo que adjuvante ou protagonista. Dessa forma, parece-nos ter sido inconcebível transpor para o reflexo no espelho uma aproximação com o outro tão distante e julgado discursivamente inferior e diferente. Cabe, então, voltar para Foucault e dois outros elementos tão caros à representação: a diferença e a identidade.

Se por um lado a representação “inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos” (SILVA, 2014, p. 17-18), por outro, “a marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (SILVA, 2014, p. 40). Urge perceber que, apesar do anacronismo quanto a lançar um olhar moderno sobre o período renascentista, as relações de aproximação só eram consideradas quando o outro não distorcia o reflexo no espelho. A identidade, o que era comum, era privilegiada, e a diferença, esquecida. Esse olhar moderno concebe que a representação é válida quando se consegue perceber a conformação do outro levando em consideração esses dois aspectos. No que tange a isso, sua ausência decorrente da diferença também se nos aparece como representação.

É impossível não estender a presença dos dois novos elementos quando se pensa na outra similitude: a *sympathia*. Para Foucault (2007), essa similitude corresponde a um princípio de mobilidade capaz de provocar mudanças nos elementos de sorte que haja uma homogeneização nas qualidades observadas, sem que, necessariamente, os sujeitos deixem de ser quem são. Agora o reflexo no espelho pode ser considerado a partir dos aspectos passíveis de modificação. Voltando para o período final do Renascimento e início da Idade Clássica, nota-se a presença desse não europeu menos demonizada, ainda que inferiorizada.

O que causou tal mudança? Se considerarmos a representação a partir das relações de simpatia, um elemento capaz de atenuar a condição animalésca e aproximar da civilizada foi agregado à construção discursiva: a conversão ao cristianismo. Essa mudança acaba por atingir vários estratos da formação, desde suas práticas culturais até as sociais. No que pese tal prerrogativa, Foucault também asservera que “A simpatia é uma instância do Mesmo tão forte e tão contumaz que não se contenta em ser uma das formas do semelhante; tem o perigoso poder de assimilar, [...] de torná-las, pois, estranhas ao que eram. A simpatia transforma”. (FOUCAULT, 2007, p. 32).

JJJ



Albrecht Dürer, *Adoração dos Reis Magos*, a discriminar desde o século XV.

Fonte: <https://aventar.eu/tag/pintura>

O conceito de simpatia deve ser relacionado à quebra de barreiras entre o próprio e o alheio, entre a cultura do sujeito e a do outro e pensar como os tempos modernos propõem, por assim dizer, exatamente o estabelecimento dessas relações de simpatia tão próprias do Renascimento. Se eu deixo de ser eu, eu posso ser o outro. O problema se estabelece quando, assim como no passado, essas diferenças somente são interessantes para aqueles que detêm o poder do representar. Era o princípio da simpatia que, naqueles idos, garantia agregar semelhanças da mesma forma que a antipatia resguardava as identidades. Nesse aspecto, essa antipatia se fortalecia na presença das diferenças, e estas, por seu turno, eram lidas como identitárias, portanto, inferiores no outro. Cabe pensar na imagem acima enquanto se compreende o que diz Foucault

A identidade das coisas, o fato de que possam assemelhar-se a outras e aproximar-se delas, sem, contudo, se dissiparem, preservando sua singularidade, é o contrabalançar constante da simpatia e da antipatia que o

garante. (FOUCAULT, 2007, p. 34).

É interessante notar que o não reconhecimento do outro como seu semelhante foi o mote para a escravização, para a aplicação de um discurso de poder de uma etnia sobre a outra e para que o chicote permanecesse riste e o chão fosse lavado pelo sangue vermelho de negros e índios. Corpos não passíveis de representação, e por isso os lemos a partir de suas ausências textuais, e não passíveis de luto, e por isso chorados na resistência das construções discursivas na Modernidade, último dos pressupostos analisados por Foucault quando à representação.

No que pese essa análise, Foucault apresenta o próprio termo representação para pensar este momento. E mais, ele atrela a representação ao saber, ao conhecimento, à palavra, à linguagem, à literatura. Representar agora não podia ser pensada apenas como olhar uma tela, mas como uma construção discursiva capaz de dizer as palavras e fazer as coisas. Dito isso, para ele, “a relação da linguagem com o tempo se inverte: este não deposita mais as falas por etapas na história do mundo; são as linguagens que desenrolam as representações e as palavras segundo uma sucessão cuja lei elas mesmas definem” (FOUCAULT, 2007, p. 124). Representar é ação e o sujeito representado pode também lançar mão do poder de se autorrepresentar.

Se a linguagem guarda essa carga de poder político de representação, cabe-nos pensar o quanto essa linguagem pode ser uma fala coletiva ou individual. Deleuze e Guattari (2014) nos apresentam o que classificam como Literatura Menor. Antes de tudo, convém informar que tal nomenclatura não guarda relação de qualidade. Literatura Menor é, sobretudo, de resistência. Isso se dá porque, segundo os autores, três princípios são basilares para pensar essa modalidade: a língua é afetada fortemente por um coeficiente de desterritorialização; tudo nessa literatura é político, uma vez que, contrapondo-se à literatura dita maior, “seu espaço exíguo faz que cada caso individual seja imediatamente ligado à política” (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 36); e ela é essencialmente coletiva.

A linguagem enquanto discurso estabelece seus locais de representação e gira em mãos que não ocupam espaços privilegiados, mas faz de seus espaços espaços de poder. Isso nos faz retomar a epígrafe que abre este texto: devolvi o chão a quem no chão foi criado. Tomar o poder de se autorrepresentar é uma das mais profícuas rebeldias que o sujeito pode se atrever a realizar. Se sairmos da representação por meio da pintura e formos para outras áreas, como o texto literário, a relação entre literatura menor, coletividade e resistência pode ser



vista nas canções populares brasileiras que trazem em seu bojo as questões raciais, a exemplo daquelas produzidas por blocos afros ou cantores que preservam suas identidades étnicas.

Muitas dessas obras – literárias e musicais - são representativas de uma resistência, de um discurso coletivo, de uma preservação cultural e religiosa que ocorrem ao largo de um apagamento histórico e de, por vezes, tentativas de emulação e antipatia que tornavam o sujeito brasileiro não branco destituído de suas características, totalmente não representativo, não passível de luto. O discurso, enquanto representação, faz-nos olhar essa ausência de reflexo no espelho e pensar os vários significados que esse signo produz. Essa leitura e ressignificação das ausências, e/ou presença desvirtuada, representa ação dos sujeitos. É um tomar para si o poder do discurso, o domínio da linguagem.

Se durante a Renascença a representatividade do negro era relegada à animalização, demonização ou ausência, a Modernidade possibilita, a partir do domínio da linguagem, dar voz aos sujeitos silenciados por não serem reconhecidos no reflexo do espelho. As diferenças e identidades eram potencializadas não pela possibilidade de estabelecimento de relações empáticas, mas antipáticas. Via de regra, essa condição alimentou as representações que serviram de modelo para pensar o outro até os nossos dias, já que ainda hoje se rega o solo com o sangue de jovens negros em várias partes do mundo. Apossar-se do poder discursivo representa um ato constante de ser sujeito e estar no mundo. Não basta apenas ser objeto da representação, é preciso ser o sujeito que representa.

Assim, a linguagem literária possibilita esse representar e torna o ato não apenas um fazer ideológico, mas, sobretudo, um fazer coletivo, capaz de estabelecer, agora sim, semelhanças entre os distantes a ponto de haver identificação com um passado não compartilhado, mas coletivamente construído, inventado. As identidades e as diferenças, assim como a simpatia e a antipatia, quando reconhecidas em suas limitações, estabelecem um equilíbrio capaz de manter a sociabilidade tão cara na renascença e ainda mais na modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura sempre esteve associada ao deleite, ao prazer descompromissado, à idealização do belo, do perfeito, do desejável. Apesar de a teoria da literatura não nos habilitar a afirmar que ela foi pensada para dar voz ao Estado, seu uso no decorrer dos séculos aponta



JJJ para isso. Basta verificar como alguns textos são vistos ainda hoje como partícipes da formação de uma identidade nacional, principalmente quando se verifica a presença natural indígena e a contribuição intelectual portuguesa, ao tempo em que desconsidera ou marginaliza a negra, terceira etnia formadora do povo brasileiro no momento da construção discursiva de uma identidade nacional, ou mesmo cor local.

Tal análise não se faz no vácuo, ela encontra respaldo em um sistema político ao redor do mundo que corrobora para essa busca esquizofrênica de uma identidade nacional, e a arte acaba por servir a esse papel. Assim, pensar representação e linguagens é adentrar em um universo plural de possibilidades reais de discussão sobre questões sociais e culturais, desde as históricas, as religiosas, as comunitárias até a invenção de uma tradição, ou mesmo uma comunidade imaginada que torna os negros pertencentes à mesma nação.

Segundo Hobsbawn (1997), é pelo processo de construção de tradição, seja ela composta de fatos reais ou mesmo inventados, que o homem estabelece laços comuns, identifica-se com outro e alimenta o sentimento de pertença, de inclusão. Tal pertencimento pode ser visto a partir da construção de uma tradição inventada, de regras aceitas e compartilhadas por um grupo, de sorte que se possa preservar valores culturais, sociais, filosóficos e religiosos.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Vida Precária, vida passível de luto. In: _____ **Quadro de Guerra**. Quando a vida é passível de luto? Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 13-55.

COSTA LIMA, Luiz. A Mimese Antiga. In: _____. **Mimeses**: desafio ao pensamento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 31-44.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O que é uma literatura Menor? In: _____. **Kafka**: por uma literatura menor. Trad. Cíntia da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 33-53.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HOBBSAWN, Eric. RANGER, Terence. **A invenção da Tradição**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LIMA, Lezama. **A Expressão Americana**. Tradução, introdução e notas de Irlemar Chiampi.



JJJ

São Paulo: Brasiliense, 1988.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.